

INQUIETOS de Gus Van Sant – 2 de Fevereiro de 2012

sinopse Enoch Brae (Henry Hopper) é um rapaz deprimido que, desde a morte trágica dos pais, vive com a tia, com quem tem uma relação muito próxima. Desde que os pais partiram, numa tentativa de lidar com o seu próprio sofrimento, o rapaz passou a conversar com o fantasma de Hiroshi, um kamikaze japonês falecido na II Guerra, e ganhou o estranho hábito de ir a funerais de desconhecidos. Num desses funerais, conhece Annabel (Mia Wasikowska), uma rapariga alegre que sofre de um tumor no cérebro e que tem apenas mais três meses de vida. Contra todas as expectativas, os dois apaixonam-se profundamente. E enquanto ela está determinada a viver aqueles últimos meses em plena felicidade, ele vive a angústia constante de perder quem ama uma vez mais.

Uma história dramática sobre o amor e a morte realizada por Gus Van Sant ("O Bom Rebelde", "Paranoid Park", "Milk"), seguindo um argumento de Jason Lew.

Ficha Técnica

Título original: Restless (EUA, 2011, 91 min.)

Realização: Gus Van Sant

Interpretação: Mia Wasikowska, Henry Hopper, Ryo Kase, Schuyler Fisk, Lusia Strus

Produção: Brian Grazer, Bryce Dallas Howard, Ron Howard

Musica: Danny Elfman

Fotografia: Harris Savides

Montagem: Elliot Graham

Estreia: 9 de Novembro de 2011

Distribuição: Columbia Tristar Warner

Classificação: M/12

Página Oficial: <http://www.sonypictures.pt/>



Estamos próximos do milagre, e francamente não imaginávamos Gus Van Sant como milagreiro

Luís Miguel Oliveira, Público de 10 de Novembro de 2011

A arte de morrer

Por esta não estávamos à espera. Que Gus van Sant, depois da sua tetralogia fria e cerebral composta por "Gerry", "Elephant", "Last Days" e "Paranoid Park", nalguns pontos a tender para a mais esparsa abstracção, se atirasse a um filme como "Inquietos", feito de emoção e de pungência, quase um melodrama de género. Pelo meio houve, claro, "Milk", filme de reconstituição histórica e intervenção social, mas "Inquietos", retomando de outra maneira o olhar sobre a adolescência e os adolescentes que dominava, em diferentes graus, aqueles quatro filmes, deixa-o num parêntesis. Provavelmente, "Inquietos" será outro parêntesis, a julgar pela recepção americana, que não deverá ter dado a Van Sant grande vontade de repetir a graça: enorme "flop" (menos de duzentos mil dólares de receita para um orçamento de oito milhões), e muito pouco entusiasmo da crítica, quando não o mais completo arraso.

De “Elephant” ou “Paranoid Park” Van Sant traz, portanto, os adolescentes, e alguma coisa do tratamento plástico e narrativo: a gestão do tempo (sim, é “lento”, não tão lento como “Last Days”, mas é “lento”), embora algumas cruciais elipses venham acelerar o filme; a natureza como presença sensual (o Outono do Oregon, as folhas alaranjadas que cobrem os jardins e cemitérios de Portland); a criação de uma atmosfera musical cuidadosa e discreta (há quase sempre música, embora raramente ela salte para o primeiro plano sonoro - é muito “à Sokurov”). Os adolescentes, por seu lado, são um pouco diferentes dos “skaters” de “Paranoid Park”: articulados, cultos, espertos. Ainda um pouco sonâmbulos, e certamente um pouco rebeldes, mas sonambulismo e rebeldia que se conjugam noutros termos.

São adolescentes “idealizados”? Talvez, porque embora o par central (Henry Hopper, filho de Dennis, e Mia Wasilewska) seja sempre “real” e credível, “Inquietos” trabalha mais em “cinema”, no sentido clássico, do que nesses outros filmes, e consequentemente procura mais ter “personagens de cinema”. Realismo e verosimilhança que não sejam os construídos pelo próprio filme interessam pouco. Até há um fantasma, o de um “kamikaze” japonês morto na II Guerra, e aí de quem não acredite na sua realidade e verosimilhança - Van Sant tem um lado “esponja” (é ver como “absorveu” Bela Tarr, não nos admirávamos que este fantasma viesse de Apichatpong e de um cinema que desse por adquirido que é normal que os vivos, os mortos, os moribundos e os fantasmas convivam na mesma ordem de realidade (fílmica, pelo menos).

E é de morte que se trata, evidentemente. O que acontece quando um miúdo de nome bíblico, obcecado com funerais de estranhos (depois perceberemos porquê), e uma miúda com nome de heróina de Poe, apaixonada pela vida (estudante de Darwin e de ornitologia) mas cancerosa em estado terminal, se conhecem e se tornam, durante os três meses que restam, namorados. Alguns grandes dramalhões (“Love Story” ou aquele “Dying Young” dos anos 90 com Julia Roberts, por exemplo) foram feitos a partir das mesmas premissas. Mas “Inquietos” é tudo menos um dramalhão. Isto tem causado engulhos: aparentemente, segundo algumas críticas americanas, não é possível “rir” num filme sobre a morte sem que isso signifique “falta de respeito” pelos mortos (aqui, voltaríamos a Apichatpong: não é possível “rir” no “Tio Boonmee”, ou já nem Tailândia se respeitam os mortos?). Acontece que nada faz propriamente “rir” em “Inquietos”, antes é um filme cuidadosamente limado de todos os clichés sobre a “morte jovem”, com personagens que, justamente, aceitam esse destino ao mesmo tempo que, muito romanticamente, o vivem como uma espécie de teatro (como na cena em que citam, sem citar, uma cena do “Romeu & Julieta”).

Se a gente se ri, ou sorri, é porque ter o coração quente dá vontade de rir e sorrir, e a justeza emocional de “Inquietos”, sobretudo nas pequenas coisas (os beijos, as zangas, as cartas), é admirável, e Hopper e Wasilewska são perfeitos nessa mistura de convicção e “maladresse” de que as suas personagens são feitas. Para que não fiquem dúvidas: em “Inquietos” não está em causa outra coisa que não seja a “arte de morrer”, como nos melodramas de Frank Borzage nos anos 30 onde estes papéis seriam interpretados por James Stewart e Margaret Sullavan. A “arte de morrer”, evidentemente, é uma coisa de cinema. E como nesses filmes, ri-se e chora-se em “Inquietos” porque os actores são luminosos e comoventes, e porque o realizador sabe o exacto valor de uma lágrima (ou seja, não a desbarata, nem a vende demasiado cara).

Estamos próximos do milagre, e francamente não imaginávamos Gus Van Sant como milagreiro. Melhor filme americano do ano? Pelo menos enquanto não estreiar o McQueen. E só atrás do “Filme Socialismo”.

Gus van Sant entre realismo e fantástico

João Lopes, Cinemax

"Inquietos" tem como personagem central um jovem que gosta de frequentar... funerais. É um filme sobre a morte mas, sobretudo, sobre a pulsão de viver, confirmando a originalidade do olhar do realizador Gus van Sant.

É sabido que Gus van Sant se distingue por uma notável agilidade de produção. Que é como quem diz: o seu trabalho oscila, sem preconceitos, entre as áreas típicas dos independentes e os grandes estúdios, sem que isso implique qualquer limitação criativa. Mais ainda: sem que isso ponha em causa o tema transversal do seu universo. A saber: as alegrias e dores da juventude.

"Inquietos" (título original: "Restless") é um filme que retoma temas, componentes e emoções que, de uma maneira ou de outra, marcam títulos como "O Bom Rebelde" (1997), "Elephant" (2003) ou "Paranoid Park" (2007). Acima de tudo, trata-se de colocar em cena um certo desamparo das personagens mais jovens, tentando compreender como é que tais personagens lidam com a vida -- e também com a morte.



Nesta perspectiva, o filme coloca o tema da morte da forma mais inusitada e, à sua maneira, irónica: Enoch (interpretado por Henry Hopper, filho de Dennis Hopper) é um jovem cujo passatempo consiste em frequentar... funerais. Mais do que isso: há uma figura fantasmática de um piloto kamikaze da Segunda Guerra Mundial que o visita regularmente (sem que, para além do próprio Enoch, mais ninguém o veja).

Filme fantástico, então? Filme, por certo, atravessado por uma espécie de pulsão fantástica, mas em boa verdade ancorado num paradoxal gosto realista pelo quotidiano que se traduz numa atenção minuciosa aos gestos mais banais e, afinal, ao seu significado profundo.

A relação de Enoch com Annabel (Mia Wasikowska, a "Alice" de Tim Burton) acaba por confrontar este comovente anti-herói com a morte, já não como um acontecimento dos outros, mas sim como algo muito próximo, intimista mesmo. Daí que "Inquietos" seja também uma crónica invulgar sobre o amor e a sua descoberta, com a marca de um cineasta que não se cansa de procurar novas linguagens e novas formas para lidar com as perplexidades do mundo contemporâneo.